

A METAFÍSICA DA FELICIDADE EM NOCES DE CAMUS **[LA MÉTAPHYSIQUE DU BONHEUR DANS NOCES DE CAMUS]**

Alessandro PIMENTA

Pós-doutor em Filosofia (UFRJ). Doutor em
Filosofia (UFG).
Professor de Filosofia na UFT e no PROF
FILO – UFT/UFPR.
E-mail: pimenta@uft.edu.br

Resumo

Este artigo aborda a metafísica da unidade em Noces. Mostra que é um conceito fundamental para se compreender o afirmativismo camusiano, bem como o desenvolvimento filosófico do absurdo e a revolta. Por fim, a metafísica da felicidade é uma fonte importante para a argumentação contra a pena capital, objeto de análise de Koestler e Camus, já na maturidade de seu pensamento e que permanece atual em época sombria.

Palavras-chave

Noces, afirmativismo, vida, absurdo e revolta.

Abstract

Cet article aborde la métaphysique de l'unité dans Noces. Il montre qu'il s'agit d'un concept fondamental pour comprendre l'affirmivisme camusien, ainsi que le développement philosophique de l'absurde et de la révolution. Enfin, la métaphysique du bonheur est une source importante pour l'argumentation contre la peine capitale, objet d'analyse par Koestler et Camus, déjà dans la maturité de leur pensée et qui reste d'actualité à l'âge des ténèbres.

Keywords

Mots-clés : Noces, afirmativisme, vie, absurdité et révolte.



1 - INTRODUÇÃO

Je ne suis pas un philosophe. Je ne crois pas assez à la raison pour croire à un système. Ce qui m'intéresse, c'est savoir comment il faut se conduire. Et plus précisément comment on peut se conduire quand on ne croit ni en Dieu ni en la raison.

Albert Camus

Albert Camus é conhecido como o pensador do absurdo e da revolta. Ora, o problema da angústia e da possibilidade da felicidade nesta condição do homem em face de seu destino é uma constante na filosofia e na literatura moderna

Amo esta vida com abandono e quero falar dela com liberdade: ela me dá orgulho de minha condição de homem. Contudo, já me disseram várias vezes: não há por que estar orgulhoso. **Pelo contrário, há sim:** este sol, este mar, meu coração saltitante de juventude, meu corpo com sabor de sal e o imenso cenário onde a ternura e a glória se reencontram no amarelo e no azul (CAMUS, 1965d, p. 58. Grifo nosso).



Como relembra Lionel Cohn (1975, p. 8). No tocante às diferentes abordagens literárias da questão, René-Marril Albérès (1953, p 14) sublinha que, entre os francófonos, Camus propugna por uma fraternidade cósmica do homem com o mundo, enquanto Malraux propõe um diálogo com a eternidade e Bernanos apresenta a possibilidade de uma ligação quase material e simultânea com Deus e com Satã. Em tais casos, a eternidade, Deus e Satã representam a incansável busca de unidade, fato que caracteriza a existência humana. Nesse sentido, pode-se dizer que os conceitos camusianos de absurdo e de revolta têm sua gênese na busca da união entre os seres humanos e o cosmos. Só há absurdo em Camus, se há uma concepção de unidade fundamental que por algum entrave foi desfeita como nos diz no *Le mythe de Sisyphe* (1965c). O absurdo seria um hitato desta harmonia encontradas em *Noces*.

Cabe, nota Weyembergh (2014) portanto, a questão, antiga, mas ainda recorrente: Albert Camus é filósofo ou literato? Não há, segundo o argelino, um gênero literário específico da filosofia, ainda que o romance seja um meio viável de exposição de idéias.

Em sua crítica sobre *La nausée*, escrita em outubro de 1938, no *Alger républicain*, fica evidente que o romance é inseparável da reflexão sobre a condição humana, uma vez que “um romance não é apenas uma filosofia posta em imagens. E, dentro de um bom romance, toda a filosofia é passada nas imagens” (CAMUS, 1965a, p. 1447).

2- CAMUS E UMA NOÇÃO DE PANTEÍSMO E IMANÊNCIA

Nas primeiras obras de Camus, tanto em *L'envers et l'endroit* como em *Noces*, é possível entrever a procura da felicidade que se estabelece na harmonia do homem com o mundo. Note-se, por exemplo, o reconhecimento do divino nos elementos natureza. Jean Onimus (1965, p. 45) afirma que, para Camus, o divino existe, de fato; contudo, existe nas manifestações do mundo concreto, sem transcendências, imortalidade ou salvação redentora.

A análise da revolta nos conduz ao menos à **suposição de que há uma natureza humana**, como os gregos pensavam, e contrariamente aos postulados do pensamento contemporâneo. Por que se revoltar, se, em si, não há nada de permanente a ser preservado? O escravo se insurge por todos os existentes ao mesmo tempo, quando julga que, por tal ordem, alguma coisa nele é negada, algo que não pertence apenas a ele, mas que é um lugar comum onde todos os homens, mesmo aquele que o insulta e o oprime, pertencem a uma comunidade constituída (CAMUS 1965g, 425. Grifo meu)

É nessa perspectiva, em *Noces*, tal panteísmo chega às raias da sensualidade erótica. Nesse sentido, a primeira obra publicada por Camus já contém, em germe, toda sua obra. O próprio autor assim o concebe:

Cada artista guarda assim, no fundo de si, uma fonte única que alimenta durante sua vida o que ele é e o que diz. Quando a fonte seca, vê-se, pouco a pouco a obra encarquilhar-se e rachar. São as terras ingratas da arte que a corrente invisível não irriga mais. Com o cabelo, ralo e seco, o artista, barba escassa, está maduro para o silêncio ou para os salões, o que vêm dar no mesmo. Para mim, eu sei que minha fonte está em *O Avesso e o Direito*, dentro deste mundo de pobreza e de luz, onde eu vivi durante tanto tempo, e cuja lembrança me preserva, novamente, dois perigos contrários que ameaçam todo artista, o ressentimento e a satisfação (CAMUS, 1965b, p. 5-6).

Pode-se dizer o mesmo em relação a *Noces*, visto que trata do mesmo assunto sob a mesma perspectiva, ou seja, a união do homem com o mundo. O título *Noces* já remete à união amorosa



e, por extensão, à comunhão com a natureza, característica que explica certos aspectos da obra de Camus. Essa união íntima, segundo Cohn (1975, p. 13), pode ser perfeitamente representada pelo sentido bíblico da palavra “conhecer”, termo que também exprime a conjunção carnal. Assim, Albert Camus escreve que o espaço “está entregue inteiramente aos olhos e o conhecemos desde o instante em que desfrutamos dele” (CAMUS, 1965d, p. 67), razão pela qual a conjunção é de capital importância para a existência humana. Aos problemas existenciais contemporâneos, Camus responde com a idéia de que a superação se encontra numa mais intensa familiaridade com o mundo:

Se eu fosse árvore entre as árvores, gato entre os animais, esta vida teria um sentido ou, antes, este problema não teria sentido, pois eu faria parte deste mundo. Eu *seria* este mundo ao qual eu me oponho agora com toda minha consciência e exigência de familiaridade (CAMUS, 1965c, p. 136. Grifo do autor).

Essa familiaridade ou comunhão conduz à percepção do avesso e do direito, do Outro e do Mesmo. A grandeza da condição humana reside em manter, na própria confrontação de contrários, a exoneração do desespero (CAMUS, 1965b:39). Aqui se percebe uma nítida tensão na relação dos humanos com o cosmos, mas ainda não se pode falar em absurdo, pelo menos segundo as categorias desenvolvidas em *Le mythe de Sisyphe*. Ora, se o pensamento de Camus se articula no espaço da comunhão com a natureza (BOVE, 2014), essa experiência se desenrola em duas etapas: um êxtase panteísta inicial e a subsequente recuperação do sentido do sagrado. Apesar da utilização de termos religiosos, Bove (2014), compreende que se trata de uma imanência, descrita muito bem pelo pensador franco-argelino.

Em *Noces*, o panteísmo camusiano é evidente. Contudo, é necessário distinguirmos três modalidades de amor para uma melhor compreensão de um tal êxtase panteísta. Há, em primeiro lugar, o amor dos elementos entre si, a saber, do mar e do sol. Em segundo lugar, existe a comunhão amorosa do homem com a natureza. Enfim, os amantes simbolizam o coroamento deste amor, ou seja, a união dos corpos. Esses três aspectos de um mesmo amor, de uma mesma comunhão, explicitam-se na afirmação de que “abraçar um corpo de mulher, é também reter contra si esta alegria estranha que desce do céu em direção a terra” (CAMUS, 1965d, p. 58).

O anelo de ligação entre esses diversos elementos é a luz, aquela que une o céu e a terra na presença do vento e do sol, como salienta Cohn (1975, p. 17). Os humanos,



face ao espetáculo da natureza, devem harmonizar “sua respiração aos suspiros tumultuosos do mundo” (CAMUS, 1965d, p. 56). Essa profunda unidade harmônica “se exprime aqui em termos de sol e de mar” (Camus, 1965d. p. 75), e a religiosidade termina por se manifestar nos elementos físicos da natureza, num fenômeno em que a comunhão conduz ao êxtase panteísta.

A Jean-Claude Brisville, Camus manifestou sua profissão de fé nos seguintes termos: “Eu tenho o sentido do sagrado e eu não creio na vida futura” (1962, p. 271). Ora, Claude Vigée afirma que o sagrado, para Camus, corresponde à “relação redentora imediata entre a consciência e a substância do mundo, posta dentro de sua totalidade divina” (1960, p. 254). O sagrado representa, portanto, o sentido do universo, e decorre das núpcias entre humanos e o cosmos, decorre do aprendizado das medidas do limite – idéia de capital importância para a compreensão do conceito de revolta. Como sustenta Vigée (1960, p. 263), em *L'étranger*, o desfecho da narrativa é uma advertência àqueles que, ao perderem a noção de limite e de medida, apegam-se ao aspecto negativo do sagrado – a saber, a submissão ao jugo das mais desenfreadas vontades.

À primeira vista, pode parecer que existam, em Camus, resquícios de religiosidade cristã, crenças em realidades supra-terrenas, mas a percepção camusiana do sagrado começa e termina na experiência carnal e material (BOVE, 2014). Ao inverter conhecida imagem bíblica, Camus afirma: “a vida é curta e é um pecado perder tempo... todo o meu reino é deste mundo” (1965b, p. 48-49). A linguagem que Albert Camus utiliza está permeada de termos já consagrados pelo cristianismo, ainda que não se deva cristianizar as manifestações de seu pensamento. Trata-se de uma imanência, sempre constante em sua filosofia.

3- EMPIRISMO SUBJETIVO E REALIDADE

Camus, ao descrever sua personalíssima experiência do mundo, procura recuperar o espaço exterior – sólido, resistente e pleno. A fruição empírica fornece ao Eu a percepção da realidade. Assim, diz o escritor argelino que os humanos se encontram aprisionados na dupla verdade do corpo e do instante (Camus, 1965d, p. 59). Camus compreende que a verdade só pode ser o resultado das percepções sensíveis e estas se inserem na temporalidade pela evidência do presente (1965d, p. 85). É clara a apologia à comunhão



cósmica, tanto no âmbito da experiência existencial como na busca da apreensão das evidências do mundo, evidenciadas pela sensibilidade. Se há uma lição a se tirar dessa realidade, é o fato de que a vida presente deve ser tomada como única pátria e única certeza. Que atitude tomar face à finitude da existência? Pode haver esperança diante de um permanente desejo de unidade e diante da ineludível certeza da morte, seja o suicídio ou o heterocídio?

Em Camus, uma vez que não existe a possibilidade de uma segunda existência, nem tampouco de qualquer transcendência, e menos ainda de vida eterna, observa-se um busca intensa do prazer de viver, como observa Jacques Chabot (2002, p. 52). Esperar uma outra vida “é um pecado contra a vida” (Camus, 1965d, p. 76). A esperança em vidas subseqüentes subtrai aos humanos à vida presente. Assim, ou se assume a finita e carnal condição humana – e vive-se o presente –, ou tomam-se a esperança e a resignação como formas sucedâneas de vida.

Segundo Albert Camus (1965c, p. 169), o ser que vive a esperança, em lugar de viver a realidade presente e o universo entorno, volta sua existência a um mundo fictício que o afasta de sua inarredável condição. A possibilidade de um além conduz ao abandono do gosto de viver, à mais pura ilusão. Portanto, Camus (1965c, p. 166) afirma que “o homem é seu próprio fim. E somente ele é seu fim. Se ele quer ser alguma coisa, é nesta vida”.

Segundo Camus, diante da condição humana, da virtual possibilidade de união com o mundo, da inexistência de uma vida futura e de deuses que possam interferir ou justificar as atitudes dos homens, é preciso resgatar a unidade original que se perdeu. Ora, toda busca de unidade limita-se, necessariamente, à realidade sensível, e os humanos devem se orgulhar da consciência de que seu “reino é deste mundo” (CAMUS, 1965b:49). Portanto, deve-se buscar aqui toda felicidade e satisfação.

4 - A FELICIDADE OU A EFETIVAÇÃO DA UNIDADE

Se é certo que a palavra felicidade ressoa em toda a obra de Camus, devemos nos perguntar se tal termo, em suas várias ocorrências, possui o mesmo sentido. Nguyen-Van-Huy chama à atenção para o fato de que são encontradas diferentes formas de entender o termo felicidade no âmbito da obra camusiana. Tanto em *Le Malentendu* como em *La peste*, os personagens perseguem a felicidade, ainda que a cada personagem corresponda uma



distinta noção de felicidade. Portanto, o autor utiliza-se de expressões diversas a fim de designar a felicidade. E por tal razão, sustenta Nguyen-Van-Huy (1968, p. 7), encontram-se sugestivos termos tais que “felicidades”, “livres felicidades”, ou mesmo “felicidades fáceis”. Não se pode negar que mais que um pessimismo no que tange à condição humana, o que se denomina afirmativismo é que predomina.

É possível constatar que se essas felicidades mencionadas são, por um lado, diferentes e, por outro lado, possuem uma certa unidade. Por isso, Nguyen-Van-Huy (1968, p. 7) afirma que esses termos são “inseparáveis um do outro”. Neste artigo, buscamos analisar o termo tal como se manifesta em *Noces*, livro em que é nitidamente perceptível a influência da filosofia grega, quando esta afirma que há uma ligação entre o que se explica na natureza e na natureza humana. Observa-se, portanto, que a felicidade passa pela efetivação da unidade, como se observa nesta passagem em que Camus toma Tipasa, cidade portuária argelina, como uma metonímia para o conjunto do cosmos:

Pobres são os que têm necessidades de mitos... Eu amo esta vida com abandono e quero falar dela com liberdade: ela me dá o orgulho de minha condição de homem... Em Tipasa, ‘eu vejo’ equivale a ‘eu creio’, e eu não me obstino a negar o que minha mão pode tocar e meus lábios acariciar (CAMUS, 1965d, p. 57-69).

Ainda que Camus não utilize a expressão ser-no-mundo, esta se adequa bem a seu pensamento; contudo, esse ser-no-mundo deve ser entendido como nascer-no-mundo. O homem e o mundo possuem a mesma substância, razão pela qual a união é possível e desejada. Também não se encontra, em Camus, a expressão ser-para-a-morte; no entanto, é correto dizer que há um viver-contra-a-morte, como indica Chabot (2002, p. 34-35). O mundo é, então, a dimensão do ser humano; sua autenticidade está na relação homem-mundo.

O acordo entre ser e mundo corresponde à união no amor. A felicidade camusiana é um estado no qual o sujeito-amante está unido ao objeto-amado. A terminologia própria ao campo lexical da união, como expressão da felicidade possível, é constante no autor. O desejo de felicidade se confunde com o desejo de unidade. Dessa forma, as diferenças entre felicidades distintas vêm da especificidade dos objetos amados: teoricamente, pode-se dizer que haverá tantas felicidades quantos forem os objetos dignos de amor.

No tangente ao conjunto da obra camusiana, é possível sistematizar a felicidade



em três categorias, tal como observa Nguyen-Van-Huy (1968, p. 10). Primeiramente, a felicidade sensível consiste na comunhão com o mundo material; a felicidade humanista se estabelece na união do eu com o outro; por fim, a felicidade metafísica corresponde à harmonia do homem com os valores. É importante salientar que as três dimensões de felicidade compartilham um eixo comum, o qual corresponde à possível união dos seres humanos com o cosmos. Uma tal união é buscada, portanto, em seus aspectos físico, humanista e metafísico.

Diante dessas considerações, é possível reafirmar que o conceito de felicidade que se apresenta em *Noces* corresponde ao acordo entre um ser e o mundo que o cerca. Nessa obra, a felicidade apresenta-se em sua manifestação física e encontra sua efetivação nos prazeres dos sentidos. Se homem e mundo puderem fruir de um contato íntimo, então haverá compatibilidade entre os elementos do mundo e os componentes da realidade humana (CAMUS, 1965d, p. 75). Enfim, “não há vergonha de ser feliz”, pois o ideal de felicidade se encontra no “feliz cansaço de um dia se casar com o mundo” (CAMUS, 1965d, p. 58-50).

Na imagem poética da cidade portuária de Tipasa, Camus apresenta o sol como o ponto limítrofe de demarcação da experiência humana. Com um vocabulário pertencente ao campo lexical dos sentidos e do prazer sensual, a obra sugere uma religiosidade tênue em que se conjugam prazeres sensíveis e entidades corpóreas. Por certo, a sensibilidade é o anelo de ligação entre o homem e a realidade entorno. O vínculo será necessariamente físico, ou não haverá comunhão possível. O fascínio da sensibilidade indica também um profundo caráter místico, como explicita, com pertinência, Marcelo Mathias:

Núpcias é o testemunho da felicidade descoberta e conquistada através da saciedade física, na comunhão e na euforia... O Mediterrâneo é, ao mesmo tempo, uma lição de desprendimento e uma paixão de que *Núpcias* representa o mais alto expoente. Essa espécie de relação cósmica ou de volúpia panteísta, enche aliás, outras páginas de livros de Camus da mesma inconfundível radiação (MATHIAS, 1975, p. 28).

Tudo evidencia a carne, a entidade corpórea, a realidade sensível; por tal razão encontram-se tantas descrições detalhadas das características físicas do vilarejo de Tipasa, assim como das percepções sensoriais do sujeito (cf. Camus, 1965d, p 55-57). É o triunfo da sensibilidade carnal que se expressa no ardor do sol, nos prazeres dos banhos



de mar, ou mesmo na sensibilidade tátil dos beijos (CAMUS, 1965d, p. 59-60).

Como se viu, Camus propõe uma dimensão existencial em que não há divindades, tampouco imortalidade da alma ou esperança em vida futura. O amor só pode acontecer nas dimensões da sensibilidade presente, acima da terra e abaixo do sol. A felicidade não se encontra em complexos e intrincados e meandros; estabelece-se, ao contrário, nos prazeres simples, espontâneos e imediatos. Tudo se encontra no entorno dos humanos e do mundo, no âmago dos corpos e da natureza (HERMET, 1976, p. 26). Os textos de Camus sugerem a presença de um verdadeiro deleite sensível e sensual sob o céu da África mediterrânea, como se vê nesta passagem:

Mar, campo, silêncio, perfumes desta terra, eu me enchia de uma vida adorável e eu mordida o fruto já dourado do mundo... não, não era eu quem contava, nem o mundo, mas somente o acordo e o silêncio que faziam nascer em mim o amor... nascido do Sol e do mar (CAMUS, 1965d, p 60).

O vilarejo mediterrâneo de Tipasa, como se vê, é um espaço propício para a fruição do amor e da conjunção com o mundo. Roger Quilliot (1956, p 50-51) sustenta, quanto ao espaço em que se desenrola *Noces*, que o povo mediterrâneo é “sem horizonte, inteiramente dedicado à carne, terrivelmente dotado, também, para a felicidade e para a volúpia”. Também se lê em Vicente Barreto que a felicidade telúrica e infensa a preconceitos seria uma das características das regiões mediterrâneas:

A busca da felicidade foi marcada por suas origens mediterrâneas. Camus foi antes de tudo, e esta característica perdurou em toda sua obra, um homem do sol, reagindo contra as nebulosas construções intelectuais que tentavam explicar o mundo... Começou a escrever para atestar uma atitude diante da vida, característica dos países mediterrâneos (BARRETO, s/d:27-28).

Logo, no universo simbólico representado pelo vilarejo mediterrâneo de Tipasa, a harmonia corresponde à existência transcorrida no âmbito da natureza e do universo sensível. Uma tal harmonia é avessa às idéias religiosas, mormente de cunho cristão, pois o sensualismo mediterrâneo de Camus implica a idéia de que o prazer sensível é condição *sine qua non* felicidade. Contudo, a temática da harmonia e da felicidade importa numa problemática que lhe é inerente: o inelutável embate entre união e separação. Se a obra camusiana centra-se na questão da busca da felicidade, a condição humana, como



sustenta o próprio autor argelino, deverá encontrar a exoneração do desespero na própria confrontação dos contrários que são o apanágio da existência humana.

5 - CONCLUSÃO

Não é possível se falar em absurdo na filosofia de Camus sem se considerar esta união imanente originária. Não é sem razão que se pode falar de uma nostalgia de unidade. É este conceito de felicidade e de união cósmica em *Noces* que permite futuramente se falar de absurdo ou revolta.

Cabe notar que este afirmativismo da vida, como se identifica em *Noces*, é a fonte para conceitos mais amadurecidos ou mesmo posições políticas contra os sistemas totalitários, de direita ou de esquerda. Em 1949, no Chile, em uma aula inaugural Camus deixa isso muito claro ao intitulá-la de *El tiempo de los homicidas*. Já escrevendo sua obra magna *L'homme révolté*, entende-se que sem as bases teóricas de *Noces*, não seria possível de falar em absurdo ou revolta, menos ainda de críticas aos sistemas totalitários. Nestes sistemas totalitários a dignidade do ser humano, esta unidade originária, é exumada para dar lugar aos crimes de lógica, como se lê nas primeiras páginas *L'homme révolté*. O ápice delas é a pena de morte, visto pressupor uma ficção em uma justiça absoluta e que a culpa, também o é (KOESTLER e CAMUS, 2008, p. 361). Por fim, este artigo contribui para que as origens dos conceitos camusianos sejam identificadas filosoficamente e, compreendidas como fulcrais em seu pensamento que permanece atual.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBÉRÈS, René-Marill. *Les hommes traqués*. Paris: La Nouvelle, 1953.

BARRETO, Vicente. *Camus*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, s/d.

BRISVILLE, Jean-Caude. *Albert Camus*. Trad. de Rui Guedes da Silva. Lisboa: Presença, 1962.

BOVE, Laurence. *Albert Camus, de la transfiguration: pour une expérimentation vitale de l'immanence*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2014.

CAMUS, Albert. *Camus, A., Œuvres Complètes* (dir. Raymond Gay-Crosier), Paris: Gallimard, 2008.

- ____. *Actuelles I*. Paris: Gallimard, 1965a.
- ____. *L'envers et l'endroit*. Paris: Gallimard, 1965b.
- ____. *Le mythe de Sisyphe*. Paris: Gallimard, 1965c.
- ____. *Noces*. Paris: Gallimard, 1965d.
- ____. *L'été*. Paris: Gallimard, 1965e.
- ____. *Textes complémentaires*. Paris: Gallimard, 1965f.
- ____. *L'homme révolté*. Paris: Gallimard, 1965g.
- ____. *La peste*. Paris: Gallimard, 1962.
- ____. KOESTLER, Arthur, CAMUS, Albert. *Reflexions Sur la Peine Capitale*. Paris: Gallimard, 2008.
- CHABOT, Jacques. *Albert Camus*. Avignon: Édisud, 2002.
- COHN, Lionel. *La nature et l'homme dans l'oeuvre d'Albert Camus et dans la pensée de Teilhard de Chardin*. Lousanne: L'Age d'Homme, 1975.
- EAST, Bernard. *Albert Camus ou l'homme à la recherche d'une morale*. Paris: Cerf, 1984.
- GRISÉ, Yolande. *Le suicide dans la Rome anquique*. Montréal/Paris: Bellarmin/Belle Lettres, 1982.
- HERMET, Joseph. *Albert Camus et le christianisme*. Paris: Beauchesne, 1976.
- JANKELEVITCH, Vladimir. *La Mort*, Paris: Flammarion, 1966
- MATHIAS, Marcelo. *A felicidade em Albert Camus*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- PIMENTA, Alessandro. A ética da Alteridade na filosofia de Camus. *Philosophos* - Revista de Filosofia. v. 17 n. 1 (2012): (Filosofia Francesa). Goiânia: Ed. UFG, 2012. Disponível em << <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/17392>>> Acesso em 15/07/2021.
- ____. Camus e a pena de morte. *Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v. 14, n.5, p. 943-953, 2004b.
- NGUYEN-VAN-HUY, Pierre. *La métaphysique du bonheur chez Albert Camus*. Neuchatel: Baconière, 1968.
- ONIMUS, Jean. *Camus*. Paris: Desclée, 1965.



QUILLIOT, Roger. *La mer e les prisons*: essai sur Albert Camus. Paris: Gallimard, 1956.

____. Albert Camus et le théâtre. In: CAMUS, Albert. *Théâtre, récits, nouvelles*. Paris: Gallimard, 1962.

____. Présentation de L'homme révolté. In: CAMUS, Albert. *Essais*. Paris: Gallimard, 1965.

____. Présentation de *L'exil et le royaume*. In: CAMUS, Albert. *Théâtre, récits, nouvelles*. Paris: Gallimard, 1962.

VIGÉE, Claude. *Les artistes de la faim*. Paris Calmann-Levy, 1960



PIMENTA, Alessandro. A METAFÍSICA DA FELICIDADE EM NOCES DE CAMUS. *Kalagatos*, Fortaleza, Vol.17, N.1, 2020, p. 62-73.

